

## O Corpo na Aula de Artes

Autora: Kiara Provanne Fontana <sup>1</sup>  
Coautora: Beatriz Moraes de Abreu <sup>2</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa faz uma análise de práticas pedagógicas a partir da corporeidade, ou seja, trata do corpo como importante instrumento artístico. Além disso, reflete sobre a tendência de se priorizar as artes visuais nos processos de ensino-aprendizagem. Fundamenta-se nos pressupostos teóricos de Fabião (2013), Loponte (2017), Foucault (1984), Bezerra e Moreira (2013) e Nóbrega (2005). Ademais, utiliza o projeto artístico-pedagógico "Trocas Literárias", desenvolvido por Abreu (2019-2022) numa escola da rede SESI-SP como inspiração para um trabalho interdisciplinar envolvendo as Linguagens. Os objetivos da pesquisa são: primeiramente, estimular o uso pedagógico do corpo nas aulas de arte; além de refletir acerca das propostas vinculadas ao tema e apresentadas no material didático do 1º ano do Ensino Médio da Rede SESI-SP. O trabalho também visa contribuir para a ampliação de possibilidades em sala de aula, sugerindo uma sequência didática. Utiliza pesquisa bibliográfica e pesquisa exploratória, uma vez que faz revisão da literatura e desenvolve atividades práticas com as turmas do 1º ano do Ensino Médio. Os depoimentos feitos pelos estudantes e coletados para esta pesquisa evidenciam como as atividades desenvolvidas contribuíram para a consciência corporal em sala de aula.

**Palavras-chave:** Corpo; Arte; Educação; Sequência Didática; Consciência Corporal.

### INTRODUÇÃO

Existe um grande interesse científico pelo conhecimento adquirido na primeira infância, quando, através do corpo, descobre-se os membros e os movimentos, como: rolar, sentar-se, chacoalhar-se, morder etc. Trata-se, portanto, de uma abstração de saberes sensitivos, que extrapolam os limites racionais. É notável que percamos esse tipo de entendimento do mundo ao longo da vida, conforme crescemos e nos encaixamos em algumas instituições padronizadas que nos conectam à sociedade - entre elas, a escola.

Na pré-história, não existia escrita. Dessa forma, os primeiros *homos* registravam suas vidas através dos desenhos, representando diversos elementos pela silhueta, ou seja, pelo corpo. O ideal de beleza do Egito, da Roma ou da Grécia - e de várias outras civilizações antigas - eram baseadas puramente no corpo. É válido lembrar que as mulheres consideradas bonitas exibiam um biotipo específico, o que hoje, para muitos, é considerado apenas um corpo "normal": curvilíneo, com marcas de tempo e peso, nariz grande e maquiagem marcada. Tais

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Linguagens da Faculdade Sesi de Educação, [kiara.fontana@faculdadesesi.edu.br](mailto:kiara.fontana@faculdadesesi.edu.br);

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Artes da Cena da Escola Superior de Artes Célia Helena, [beatriz.abreu@sesisp.obg.br](mailto:beatriz.abreu@sesisp.obg.br);



padrões eram disseminados a partir das concepções da realeza, de modo que fica evidente a relação entre padronização dos corpos e poder.

Os artistas plásticos aprenderam a retratar o corpo humano em esculturas e pinturas, antes mesmo da fotografia. Desde há muito tempo, o corpo atrai e encanta. O mesmo se dá quando se descobre as suas potencialidades, inclusive artísticas. Baseado nisso, o movimento Barroco surgiu com uma ideia de perfeição em contraste com os aspectos terrenos e utilizou a técnica da perspectiva, evidenciando pinturas em camadas, onde o corpo era construído com detalhes. Um nítido exemplo são as obras de Caravaggio, um dos mais famosos artistas do movimento artístico, que trazia um realismo em suas obras através de uma representação corporal considerada bela, tal qual aparece em “Narciso” (1599), onde o personagem de pele branca e cabelos lisos e claros foi retratado com músculos aparentes.

Apesar do enfoque dado rotineiramente às artes visuais, este trabalho se debruça nos estudos acerca do corpo. O problema que se pretende responder ao longo desta pesquisa é: De que forma é possível trabalhar práticas pedagógicas que valorizem a corporeidade nas aulas de Artes? Há muito tempo, a materialidade viva é usada como instrumento artístico, conforme o que conta Nóbrega (2005) ao citar o período Renascentista:

Outra importante referência sobre a educação do corpo (...) pode ser encontrada em Montaigne. O filósofo reflete sobre a natureza e o significado das expressões corporais como uma linguagem do corpo que projeta o indivíduo para fora de si mesmo e o expõe ao elogio ou à sanção do grupo. (Nóbrega, 2005 - p. 601)

Nota-se, portanto, que o corpo é um instrumento de construção de vínculos sociais através do senso estético e cultural. Pode-se observar a estereotipação sobre atrizes e bailarinas, por exemplo, que comumente são vistas como ideais de beleza, delicadeza e feminilidade, por exemplo. Além disso, apesar de a elite se encantar com recitais de *Ballet* e grandes espetáculos teatrais, é através de um elemento relativamente simples e natural - o corpo - que a arte acontece. Outro aspecto relevante sobre a corporeidade é que, em alguns casos, torna-se instrumento de resistência, como as vertentes do *Hip Hop*, com o *Beat Box* e as coreografias, e os ritmos dançados do *Funk*, difundidos massivamente no Brasil. Pode-se pensar que, enquanto a arte visual elitista está, muitas vezes, presente nos museus, algumas artes visuais e corporais saem deste lugar burguês para os guetos e comunidades e atingem grupos que não têm acesso ao que encarece a cultura.



Dentro das escolas, citando a Rede Sesi-SP e o Material Didático (Movimento do Aprender) de Artes, do 1º ano Ensino Médio de 2023, nota-se uma grande inclinação para o ensino da História da Arte, utilizando imagens de muitas pinturas e esculturas. Tal escolha, sozinha, não favorece a criatividade docente e discente, já que muitos exercícios solicitam a análise de obras, o que se pode fazer em sala de aula de forma individual e silenciosa - apesar de não ser a metodologia mais adequada para se promover a socialização e o senso crítico. Assim, este trabalho realiza um recorte do livro didático supracitado, mais precisamente, do capítulo 2: “Barroco em Cena” (p. 34), no qual consta a obra *"Las Meninas"*, de Diego Velázquez (1656) e uma breve história sobre o quadro antecedem as atividades propostas. Apesar de os exercícios propostos trabalharem a criatividade, surgem alguns questionamentos: por que focar apenas nas linguagens visuais em detrimento do trabalho com o corpo? Onde estavam a dança ou o teatro nessa época (Barroco)?

Essas inquietações são pertinentes, visto que, de acordo com Bezerra e Moreira (2013, p. 62): “Falar sobre corpo e educação no processo de ensino aprendizagem é entender o corpo como vida que pulsa.” Nesse sentido, Nóbrega (2005, p. 610) corrobora: "Pensar o lugar do corpo na educação significa evidenciar o desafio de nos percebermos como seres corporais." Desse modo, cabe focar a nossa atenção nos esforços para que os alunos se enxerguem, entendam-se e descubram-se como sujeitos artísticos, com perspectiva de utilizarem os próprios movimentos e características como repertório criativo e didático. Para isso, é necessário instigar os estudantes sobre as possibilidades do corpo, a partir do autorreconhecimento como indivíduos e seres sociais que são capazes de estabelecer um processo criativo corporal. Moreira (2013) salienta que

Falar de uma educação do corpo, é falar de uma aprendizagem humana, é aprender de maneira humana (por isso existencial) a ser homem, a existir como ser humano. Falar de uma educação do corpo é explicitar a corporeidade” (Moreira, 2013, p. 62)

O processo pedagógico que se utiliza dos recursos artísticos para uma educação dedicada ao ser humano incentiva as habilidades criativas, os fatores socioemocionais, as potencialidades e a sociabilidade entre os pares. Logo, determina-se como um facilitador para que o conteúdo aplicado seja prazeroso, lúdico e criativo, e que ocorram transformações físicas e psíquicas positivas:



A cognição emerge da corporeidade, expressando-se na compreensão da percepção como movimento e não como processamento de informações. Somos seres corporais, corpos em movimento. O movimento tem a capacidade não apenas de modificar as sensações, mas de reorganizar o organismo como um todo, considerando ainda a unidade mente-corpo. Essa proposição geral sobre a percepção se aproxima da apropriação enactiva, na qual a cognição é inseparável do corpo, sendo uma interpretação que emerge da relação entre o eu e o mundo, corpo e mente, nas capacidades do entendimento. (...) A mente não é uma entidade “des-situada”, desencarnada ou um computador, também a mente não está em alguma parte do corpo, ela é o próprio corpo. Essa unidade implica que as tradicionais concepções representacionistas se enganam ao colocar a mente como uma entidade interior, haja vista que a estrutura mental é inseparável da estrutura do corpo.” (Nóbrega, 2005, p. 606, 607)

Dessa forma, é importante entender como o processo pedagógico das Artes impacta a cognição dos estudantes, a partir das mediações que o professor realiza sobre a cultura corporal. Os docentes podem contribuir para a ressignificação da visão de seus alunos, ensinando-lhes a se descobrirem como seres artísticos em sociedade através dos próprios corpos, evidenciando a importância da corporeidade para as Artes na escola e em outros contextos.

Assim, os objetivos deste trabalho são: o geral - estimular o uso pedagógico do corpo nas aulas de Artes; e os específicos - refletir acerca das propostas vinculadas ao tema e apresentadas no material didático do 1.º ano do Ensino Médio da Rede Sesi-SP, contribuir para a ampliação de possibilidades em sala de aula e sugerir uma sequência didática que trate do corpo como instrumento artístico.

Através do contato com a rotina escolar, nota-se que, muitas vezes, a sala de aula ainda se configura num formato tradicional, que não favorece o engajamento, a atenção e o interesse dos estudantes. A ênfase dada à teoria em detrimento da prática é comum nas estratégias pedagógicas adotadas por diferentes redes de ensino. Entretanto, o processo de ensino-aprendizagem torna-se muito mais impactante quando se desprende de textos meramente convencionais. Nesse sentido, Moreira e Bezerra afirmam que

“(...) é importante que os alunos conheçam o próprio corpo. Da mesma forma, é preciso que os professores reconheçam que o corpo pode ser uma linguagem, através da expressão corporal, e que é uma construção cultural com influências diretas da sociedade” (Moreira e Bezerra, 2013, p. 71)

Assim, cabe ao professor a mediação necessária para que os estudantes reconheçam e compreendam os territórios aos quais estão expostos e como podem modificar os tempos e os

espaços através do corpo. Para isso, é importante que o docente conceba o corpo como possibilidade contextualizada, frutiva e contemplativa - ideia que demanda um processo de autoformação, uma vez que, durante anos, a educação formal prioriza as artes visuais.

Portanto, coloca-se o desafio de se pensar e concretizar um currículo mais flexível, que não hierarquize os saberes dentro das Artes, antes, estabeleça conexões que direcionem o olhar para novas possibilidades pedagógicas a partir do corpo. O objetivo é acolher a corporeidade como parte fundamental do processo formativo, sem reduzi-la a mera instrumentalização, mas considerando-a objeto relevante de estudo e pesquisa. Assim, a escola pode contribuir para ampliar movimentos que colaborem favoravelmente para uma sociedade mais criativa, crítica e sensível.

Como trazido anteriormente nesta pesquisa, os livros didáticos são um material de apoio para o planejamento do professor e o aprendizado dos alunos. A Rede Sesi utiliza volumes de própria autoria, conhecidos como “Movimento do Aprender”, que foram introduzidos às escolas na década de 2010. Aqui, propõe-se um recorte sobre o livro de Linguagens, com ênfase em Artes, utilizado pelas turmas de 1.º anos de Ensino Médio, em 2023. O material foi pensado de forma que o conhecimento não fosse estagnado ou rígido - o que, além de facilitar a flexibilização do planejamento docente, não carrega a obrigatoriedade de ser utilizado de maneira sequencial.

O capítulo 2: “Barroco em Cena” ((SESI-SP, 2023, p. 34-37), discorre sobre a obra *Las Meninas*, de Diego Velázquez (1656), sendo que uma breve história sobre o quadro antecede as atividades propostas. As questões pedem a observação da obra e o registro das impressões em um encarte. Sequencialmente, o exercício 2 configura-se como uma atividade mais prática, mas ainda assim visual: solicita a produção de um autorretrato em desenho ou pintura, buscando utilizar elementos inspirados em Velázquez e no período histórico-artístico tratado. Segue-se, então, perguntando sobre o Barroco, para saber se o aluno conhece outros artistas. Por não haver linhas disponíveis para a escrita, o professor pode supor que seja uma troca aberta e oral, na qual os alunos expõem para a sala os seus conhecimentos, o que motiva a socialização e a construção coletiva de raciocínio. A professora acompanhada durante a residência pedagógica no 1.º semestre selecionou esses exercícios para serem desenvolvidos em sala de aula, mas o livro trazia outras atividades sob a mesma perspectiva, Por exemplo, o exercício 3, tratando da obra *A Vocação de São Mateus*, de Caravaggio (1599-1600), solicita, novamente, a observação da imagem e a análise do jogo de luz e sombra, relacionando-o com a subjetividade de cada estudante. Finaliza propondo que os alunos imaginem o que esteja acontecendo no quadro e

descrevam tal situação no livro, socializando com os colegas ao término dos registros escritos.

Percebe-se, neste fragmento, a prioridade atribuída às artes visuais, à interpretação e à descrição de obras. Não se quer dizer, com isso, que tal abordagem é incorreta, mas apontar outras possibilidades de trabalho sobre o tema. A prática artística vai além do imaginar contextos e usar artistas famosos como exemplo criativo, pois discorre sobre o “eu” com o mundo. Quando o professor não extrapola as sugestões do material, a potência corporal da turma se esvai, porque é coibida e cerceada, mesmo que não propositalmente. Uma educação humanizada e democrática não torna a imaginação infértil e as habilidades, comparadas.

## **METODOLOGIA**

Utiliza-se aqui pesquisa bibliográfica, realizada a partir do levantamento de artigos e obras referentes ao tema, e exploratória, uma vez que expõe as atividades práticas desenvolvidas com os estudantes do Ensino Médio de uma escola da rede Sesi-SP.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em junho de 2023, com o auxílio da professora Beatriz Abreu, orientadora de TCC e, então, professora de Artes do 1.º ano do Ensino Médio, foi criada uma sequência didática de Jogos Teatrais, a qual ultrapassou o proposto no material didático, a fim de trazer elementos da corporeidade para as aulas.

A fim de colher a opinião dos alunos sobre os jogos, apresentei um Padlet com perguntas norteadoras para criação de um relato subjetivo, podendo ou não responder de forma anônima. Não houve, por parte das turmas, envolvimento efetivo nessa atividade, de modo que foi necessário repensar a estratégia. Pensando em uma maneira mais efetiva de registrar os relatos dos alunos sobre a Sequência Didática, a professora pediu uma autoavaliação individual, em forma de relato escrito no caderno, sobre as aulas de Arte do semestre (contando 1º e parte da 2º Etapa). Alguns estudantes citaram as aulas da Residente.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O formato tradicional da sala de aula não traz engajamento, atenção e interesse discente. O aluno precisa conhecer o próprio corpo, pensando que o processo de ensino-aprendizagem se torna muito mais impactante quando se desprende de textos meramente convencionais. É importante que o estudante saiba como acessar a si mesmo para criar, ser crítico e se sobressair no mundo. A arte ocupa uma parte importante do cérebro, a qual abriga a criatividade.

É necessário pertencer e fazer pertencer. Já não estamos em época em que a sala de aula era feita de uma só voz - a do professor. A sala de aula é formada por cada aluno e cada educador que passa pelas turmas, é construída por classe e elementos extraclasse. Refletir sobre esse fato é um passo importante para romper a relação padronizada de poder, que hierarquiza o ambiente escolar.

Disciplina e ordem eram as palavras-chave de uma aula, mas hoje, podemos pensar este local com as palavras sensibilidade e empatia. A educação é sobre casa cheia, repleta de seres pensantes, senso crítico, criatividade, individualidades e coletividade. Sendo assim, a educação requer que o docente entenda seu eu, o outro e o espaço em seu cotidiano e o de terceiros, ressignificando o componente de Artes para o ambiente escolar. Logo, nota-se que o dia a dia é a melhor estratégia de engajamento. O tempo presente é muito relevante, de modo que é essencial que se reflita por que a educação ainda se baseia em conteúdos passados e volta-se para a vida adulta do aluno, menosprezando, em muitos contextos, a juventude.

Há muitas produções artísticas - sobretudo de denúncia - que dialogam com o íntimo do estudante, a performance é uma dessas linguagens. Assim sendo, durante a graduação, a minha turma teve o privilégio de performar a partir da criação de um Programa Performativo, ou seja, um planejamento de criação - o qual nos forneceu liberdade e trocas efetivas e sensíveis.

Os professores precisam aprender a trocar experiências e a buscar caminhos, por isso o projeto artístico-pedagógico Trocas Literárias convergiu com este trabalho. Há infinitas possibilidades para se trabalhar de maneira interdisciplinar e criativa. Pensemos assim como professores. Pensemos o quanto queremos marcar futuros adultos e expandir a nossa humanidade e a nossa contribuição para a formação integral de tantas pessoas.

Além disso, o planejamento de aula mostra-se aspecto intrínseco à carreira docente. Reflito sobre o que seria deste trabalho de conclusão de curso sem os feedbacks dos alunos. Se



eu me utilizasse apenas da possibilidade que sugeri ou não colhesse seus depoimentos. Graças às opiniões dos alunos, podemos sempre nos reinventar, modificar visões e estratégias, buscando novas formas de desenvolver as práticas pedagógicas. Poderia apenas sugerir uma sequência didática e, se surtiu algum efeito ou não nos alunos, não saberíamos. Considero que, se assim fosse feito, tal pesquisa estaria incompleta. O objetivo do Corpo Artístico na Aula de Arte é se fazer presente, pertencer, para, assim, ir além da escola, do uniforme, das práticas de sala de aula.

Conclui-se aqui o que não precisa, nem deve, ter final. A vida é arte, pois como a arte, é movimento. Esta pesquisa pode ser continuada ou até refutada dentro de diversos campos artísticos, que trabalhem ativamente com o corpo. Pode voltar-se ainda para uma linguagem artística em específico, sobretudo do campo das cenas, como teatro, performance e dança, contribuindo em conhecimento e possibilidades. A arte segue o seu fluxo.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Fabrício Leomar Lima; MOREIRA, Wagner Wey. Corpo e Educação: O Estado da Arte sobre o Corpo no Processo de Ensino Aprendizagem. **Revista Encontro de Pesquisa em Educação**, v. 1, n. 1, 25 out. 2013.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Qual o lugar do corpo na Educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **CEDES - UNICAMP**, v. 26, n. 91, p. 599-615, maio-ago. 2005.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para teatro**. Tradução: Ingrid Koudela, S.P.: Ed. Perspectiva, 1987. p.55.